

**O TEMPO REFLETIDO:  
HELENICE RODRIGUES ENTREVISTA  
FRANÇOIS DOSSE  
(ABRIL DE 2001)\***

- **Helenice Rodrigues da Silva (H.R.S):** Sobre o seu trabalho, o público universitário brasileiro conhece, no momento, somente os dois livros que foram publicados em português: *A história em migalhas* e os dois volumes de *A história do estruturalismo* (um terceiro acaba de ser lançado pela Ed.UNESP: *A história à prova do tempo*). O restante de sua obra é ainda desconhecida no Brasil. Nesse meio tempo, seus trabalhos dos últimos seis anos tentaram apreender o novo contexto teórico francês. No *O império do sentido* – a humanização das ciências humanas, você procura mostrar a convergência de várias correntes do pensamento contemporâneo nas ciências humanas em direção a um novo paradigma em torno das teorias da ação e da análise do sentido. Em *Paul Ricoeur* – os sentidos de uma vida, você aponta a importância da obra desse filósofo para a reflexão sobre a História. Em *A história – cursus*, você diagnostica as oscilações que ocorreram na disciplina história a partir dos anos 80 e as novas tendências marcadas pela guinada pragmática e hermenêutica. Isso quer dizer a abertura da história em direção à filosofia. Esse livro pretende apresentar uma leitura da história elaborada pelos filósofos e uma interpretação da filosofia da história feita pelos historiadores. Nos seus últimos trabalhos (eu penso igualmente no número da revista *Espaces Temps* consagrada ao “Tempo Refletido”, 1995), você faz um levantamento da disciplina história no momento atual na França voltada para o novo paradigma e posicionada em direção ao humano, ao ator e à ação. Segundo o editorial dessa revista, “a vitalidade dos historiadores é atualmente atestada pelo pluralismo interpretativo (...)”. Ora, sabe-se que muitos historiadores se aproveitaram dessas mudanças para se autopromover e sabe-se também que na França o modismo (*l’air du temps*) desempenha um papel fundamental nos meios intelectuais. Não haveria um certo excesso de otimismo no diagnóstico desse editorial? Em outras palavras, não haveria um pouco de auto-satisfação nos discursos dos historiadores atuais quando se trata de questionar as derivas da Escola dos Annales, quando se sabe que, entre

---

\* Tradução: Helenice Rodrigues da Silva - Universidade Federal do Paraná.

esses historiadores franceses, poucos têm condições de dialogar com a filosofia?

- **François Dosse (F.D.):** Eu iniciarei esta entrevista dando duas boas notícias: os dois volumes de *A história do estruturalismo* serão reeditados em julho deste ano pela EDUSC, assim como *A história em migalhas* pela UNESP. Quanto a *O Império do sentido*, que você menciona acima, ele está sendo traduzido e será editado pela EDUSC, em julho de 2001. Tenho grande satisfação em saber que o público brasileiro vai assim poder se beneficiar do conhecimento de todos os elementos necessários para avaliar as mudanças que vigoram atualmente na situação historiográfica francesa. Eu não penso que se trate, na verdade, de otimismo. Pelo contrário, atualmente os historiadores franceses renunciam a toda posição hegemônica e encontram-se mais à escuta das contribuições dos filósofos, das ciências humanas e da ficção. Um certo número de acontecimentos bastante reconfortantes provam que as coisas realmente mudaram, visto que, em geral, os historiadores tendiam a deixar completamente de lado os filósofos, por razões ligadas à sua tradicional posição dominante na conjuntura intelectual francesa em relação às outras disciplinas, então concorrentes entre os estatutos da História e da Filosofia. Além do mais, havia também um outro obstáculo ao diálogo: o fato de os historiadores recusarem toda filosofia da história, ou seja, todo sentido pré-estabelecido da História. Atualmente, os filósofos não defendem mais essa visão linear da história, o que permite a renovação do diálogo entre eles, entre os historiadores de “métier” e filósofos que adotam as posições de Wittgenstein e que atribuem uma função filosófica [à história] mais modesta, a que consiste a elucidar os conceitos utilizados nos trabalhos empíricos e no debate público (na “Cité”), dando uma maior importância à descrição. Um filósofo como Paul Ricoeur corresponde bem a essa definição [de filósofo], figura preciosíssima e modesta do intelectual que renuncia a dar lições, que está à escuta do seu tempo e que tenta contribuir com um trabalho reflexivo para esclarecer as grandes escolhas [decisões] do presente. O último acontecimento deste início de ano universitário na França foi a publicação do livro de Ricoeur, *A memória, a história e o esquecimento*. Logo de início, essa obra conheceu um enorme sucesso de vendas, sucesso esperado mas que surpreende em suas dimensões, e que é visivelmente bem recebido pela corporação dos historiadores. É aí que eu volto a ressaltar a idéia de otimismo: não se trata de otimismo. Na verdade, eu diria, como Roger Chartier, que se conhece mais, nos dias atuais, o tempo das dúvidas. Este é o momento de um questionamento da função da história, do que é, hoje, a história como

disciplina, e da perda de um certo número de certezas, a perda, principalmente, do valor estruturante dos paradigmas até então em utilização. Além disso, uma escola, como a Escola dos Annales, tinha atingido, nos anos 70, uma tal posição de hegemonia, que recalçava um certo número de problemas que não chegaram a ser mais discutidos, problemas que não podiam ser do domínio da controvérsia, da discussão e do questionamento. O pluralismo atual permite retornarmos às certezas, que acreditávamos serem definitivas, para melhor interrogarmos os seus limites. É o caso principalmente da conscientização da perda da capacidade estruturante desses paradigmas, promovidos pela Escola dos Annales como: o estruturalismo, o funcionalismo, o marxismo, que se tornaram modelo das ciências humanas durante vários anos. Acrescenta-se também o fato de que existe, atualmente [na França], uma demanda social muito importante, solicitando os historiadores a apresentarem seu ponto de vista na condição de especialistas. Eles são chamados a prestar depoimento nas pretorias, nos grandes julgamentos, como foi o caso no julgamento de Maurice Papon [alto funcionário do governo de Vichy e da V República responsável pelo envio de crianças judias aos campos de concentração] e tantos outros, como os grandes dossiers, da guerra da Argélia, por exemplo. Os historiadores são assim solicitados a exprimirem seu ponto de vista na precipitação. Se, por um lado, eles se encontram numa posição de centralidade do ponto de vista social, por outro eles não se sentem muito seguros de suas retaguardas, não sabendo muito bem a diferença entre o que vem a ser um especialista, uma testemunha, um historiador, um homem de memória. Não sabem muito bem o que é a verdade e, deste modo, todo um trabalho de clarificação torna-se necessário, trabalho esse que deve passar por uma abertura em direção ao questionamento filosófico.

- **H.R.S.:** *A história em migalhas*, fazendo a crítica de uma história imóvel, de uma história que não tinha sentido, de uma história estilizada pelo método serial, suscitou, na época de sua publicação, inúmeras polêmicas. No entanto, os sinais da crise já se manifestavam. Dois anos mais tarde, o questionamento dessa forma de história veio da própria revista dos Annales (“Le tournant critique”). Como você explica essa recusa, por parte dos historiadores dos Annales, com raríssimas exceções, de uma autocrítica? Uma recusa a admitir, em face das mudanças de paradigmas, a necessidade de rever os postulados dos Annales?
- **F.D.:** É verdade, nesse caso, a crítica ocorreu durante a “guinada crítica”, artigo bastante radical, que pela primeira vez toma uma distância em relação ao passado da revista. Até então, os Annales tendiam a privilegiar

uma estratégia um pouco “apanha tudo”, o que conduziu a um esfacelamento da história em diversos objetos. Assim, principalmente nos anos 70, uma prática muito fragmentada permitiu à Escola dos Annales conquistar uma posição hegemônica em nível nacional, assim como sua difusão e sua influência em níveis internacionais só foram possíveis graças a um frenesi de captação de objetos, de captação de práticas vindas de outras disciplinas. A partir de Lucien Febvre, Marc Bloch e Braudel, a estratégia consistia em se apropriar do modismo (“l’air du temps”) e monopolizá-lo. Desse modo, o historiador dos Annales transformava-se em antropófago. Isso teve um lado positivo, ou seja, a constante abertura por parte dos historiadores em direção à produção das outras ciências sociais. Desse modo, os Annales conseguiram a captação do durkheimismo, em seguida a captação das teses de Claude Lévi-Strauss, enfim, a captação de Foucault; mas em detrimento de uma reflexão sobre o que muda, sobre a duração em benefício dos invariantes, quando a sensibilidade ao novo me parece ser uma especificidade da história. Atualmente, um novo “canteiro de obras”, muito interessante, é explorado por François Hartog e pelo antropólogo Gérard Lenclud. Christian Delacroix, Patrick Garcia e eu mesmo consagramos um curso com duração de dois anos no programa do Instituto de História do Tempo Presente, sobre o estudo dos diversos regimes de historicidade.

- **H.R.S.:** Quando se fala em paradigma intelectual, tende-se a pensar em uma certa idéia de fechamento da pesquisa dentro de um quadro de modelo de análise. Ora, sabemos bem que essa guinada dos anos 90 (que você designa de pragmática e hermenêutica) pressupõe, ao contrário, a idéia mesmo de abertura no sentido de uma maior aceitação do pluralismo de interpretação. Como se pode escapar a uma certa tendência reducionista?
- **F.D.:** No momento atual, um filósofo como Ricoeur caminha em sentido oposto ao das operações reducionistas, privilegiando uma abordagem hermenêutica, interpretativa que impede justamente toda forma de deduções de determinismos, de causalidades muito estritas. Aos 88 anos, ele está na frente do seu tempo e é precursor em relação a toda uma geração que descobre hoje a fecundidade de seu procedimento analítico, procedimento esse que alimenta a atual guinada pragmática e hermenêutica. Essa geração mais nova foi marcada por um acontecimento: 1968. Num primeiro momento, ela o expressiu por meio de uma linguagem antiga, antes de achar as palavras certas para dizer esse acontecimento, para refletir a ação, segundo teorias que permitiam pensá-la. Introduzindo a pragmática, Ricoeur realizou um trabalho de predecessor, de iluminador para toda uma geração, de alguém que ajuda a atravessar as fronteiras, antes dos demais

intelectuais franceses; ele foi um tradutor importante do que se chamou de filosofia analítica. Isso contribuiu para o retorno de Ricoeur à cena intelectual francesa, de maneira central, às ciências humanas, de forma tão espetacular, se considerarmos que ele havia perdido um certo reconhecimento no momento do triunfo absoluto do estruturalismo. Aliás, a França atravessa, atualmente, um momento que alguns qualificam de weberiano, ou seja, a contextualização histórica das noções utilizadas serve de ponto de partida [para as análises] e os atores, levados a sério, são privilegiados. A parte da ação e da interpretação torna-se fundamental e eu penso, notadamente, no estudo de caso conduzido por um economista/historiador, Laurent Thévenot, e um sociólogo, Luc Boltanski, publicado com o título de "Justificação", em 1990. Eles construíram um modelo [para um estudo sociológico]: o de uma pluralidade de conjuntos habitacionais ("cités"), de mundos de pertencimentos no interior do qual o homem é, ele próprio, pluralizado, o que torna impossível qualquer reducionismo unicasual. Esse estudo não somente enriquece a abordagem sociológica, mas é também uma fonte de inspiração nova para o historiador que leva em consideração o agir humano. Isso corresponde também à demonstração da microistória de Carlo Ginzburg e de Giovanni Levi que questionaram o esquema clássico da história das mentalidades segundo a qual teria existido uma oposição binária entre cultura erudita e cultura popular. Ginzburg mostra muito bem que seu moleiro Menocchio, em *O queijo e os vermes*, constrói uma cosmogonia que é uma verdadeira bricolagem ideológica e cultural pessoal, que não é a simples duplicação de um modelo imposto. Ao contrário, então, do que se pensava nos anos 60, as grandes instituições da reprodução, os grandes esquemas de tipo panótico não possibilitam impedir a criatividade dos indivíduos que se encontram numa posição de astúcia de inteligência, à maneira da Métiis grega, como analisou Michel de Certeau, a partir dos trabalhos do antropólogo Marcel Detienne. Cada autor cria, então, seu próprio itinerário, inscreve sua própria singularidade e, assim, seu próprio ser, sua própria existência, sua própria presença no interior mesmo dos sistemas coercivos.

Nos anos 70, todo o mundo só falava em termos de estrutura. Evidentemente, não se pode negar, hoje, que a ação humana não seja determinada historicamente, estruturalmente, mas as reflexões estão mais voltadas para a parte reflexiva e explícita da ação humana, enfim, para suas possibilidades.

- **H.R.S.:** Parece-me que uma das dificuldades, aqui no Brasil e mesmo em outros países, para bem apreender as modificações de paradigmas que fizeram oscilar as ciências humanas na França ao longo dos anos 80/90,

resulta, evidentemente, de uma defasagem dos contextos históricos e intelectuais. Nesse caso preciso, a história intelectual não ajudaria a melhor situar as correntes das que você pensa sobre isso?

- **F.D.:** É imperativo situar os debates e os jogos de interesses nos seus contextos nacionais e nos lugares precisos de sua enunciação. Existem, como você bem diz, no nível internacional, defasagens de conjunturas epistemológicas. Podem-se também situar pontos de encontros, de convergência graças a um estudo comparativo dos contextos nacionais. Vimos, assim, grande quantidade de convergências entre a situação brasileira no momento em que o discurso dos *Annales* era homogêneo. Quanto à história intelectual, trata-se de um campo novo, que é uma verdadeira escola da complexidade, ou seja, trata-se de um domínio e que não se pode considerar as coisas sem se levarem em conta, seriamente, lógicas endógenas e lógicas exógenas, sem jamais deixar de lado uma das dimensões, em benefício da outra.
- **H.R.S.:** Além da história cultural, da história política e da história social da memória, quais seriam as demais correntes de análise mais praticadas na França pelos historiadores, no momento atual?
- **F.D.:** Você acaba de citar os domínios que são o veículo das novas pesquisas na França. O que se pode dizer é que existem outros domínios, mas que residem menos em uma enumeração de setores e mais em um espírito novo, em um novo tipo de questionamento, em uma outra postura do erudito.
- **H.R.S.:** Treze anos após a publicação de *A história em migalhas*, o que resta da escola dos *Annales*? Em outras palavras, que balanço você faz dos *Annales* hoje?
- **F.D.:** O que eu direi em poucas palavras é que a escola dos *Annales*, que sem dúvida, contribuiu muito para o conhecimento histórico, tornou-se uma escola entre outras escolas. Hoje, os *Annales* são uma revista entre outras revistas, o que me parece ser o sinal de um clima mais são, mais fecundo, graças à pluralidade que essa revista permite. E, após *A história em migalhas*, a reconfiguração sobre a qual eu falei, em torno do ator e da interpretação, permitiu uma abertura muito interessante em relação à filosofia e ao acontecimento recente. Sintoma dessa abertura foi a publicação da conferência sobre Marc Bloch, pronunciada por Ricoeur, em junho de 2000 na Sorbonne, publicada na sua íntegra pela revista dos *Annales*, que se dá, assim, conta do necessário questionamento filosófico sobre as noções utilizadas pelos historiadores: a verdade, a causalidade, a narrativa, a memória.